

"Jair Bolsonaro terá palanque na chapa de Ibaneis"

Presidente da Câmara Legislativa e do MDB-DF, pré-candidato à Câmara dos Deputados defende campanha nacional dupla na capital

Prudente garante que MDB vai apoiar Bolsonaro no DF

» ANA MARIA CAMPOS
» ARTHUR DE SOUZA

As 38 anos, o presidente da Câmara Legislativa, Rafael Prudente (MDB), acumula vitórias. Eleger-se pela primeira vez em 2014, como um dos mais jovens deputados distritais, aos 31 anos, e obteve a reeleição como o quarto mais votado na Casa. No mandato, chegou à presidência e obteve um feito inédito — que outros poderosos parlamentares tentaram em vão: um segundo mandato no comando da Câmara na mesma legislatura, graças à aprovação de emenda à Lei Orgânica que mudou as regras para a recondução da Mesa Diretora.

Cotado para ser candidato ao governo, caso Ibaneis Rocha tivesse outros planos, a vice ou ao Senado, Prudente agora é pré-candidato a um mandato de deputado federal. Presidente do MDB-DF, chegou à campanha na condição de hábil articulador político e um privilegiado expectador das negociações de bastidores para a composição da chapa de seu grupo.

Com esse olhar, ele defende um palanque presidencial duplo no DF, com a senadora Simone Tebet (MDB-MS), pré-candidata de seu partido, e com Jair Bolsonaro (PL), cuja base de partidos coincide com a do governador Ibaneis Rocha. Prudente garante que o acordo do MDB e de Ibaneis com a deputada Flávia Arruda (PL), para que ela dispute o Senado na chapa, está sacramentado e diz que o Palácio do Planalto terá de decidir entre as duas ex-ministras de Bolsonaro, já que a candidatura de Damarens Alves poderá dividir a base eleitoral bolsonarista e dar a vitória para um nome da oposição.

Sobre uma eventual candidatura do ex-governador José Roberto Arruda (PL), Rafael Prudente aposta que ocorrerá, se houver condições jurídicas. Mas antecipa: vai rachar o grupo político que hoje apoia a reeleição de Ibaneis.

O projeto do senhor é mesmo concorrer a um mandato de deputado federal?

A gente faz política durante nossa vida toda, mas no exercício do mandato sempre defendi que tem que ser uma missão temporária. Importante a gente renovar, recicar, trazer novas pessoas, novas ideias. Nunca me propus a ficar quatro, cinco, seis mandatos na Câmara Legislativa. Cumpri minha missão. Na reeleição, era uma prova porque a gente precisava saber se aquele primeiro mandato foi positivo ou negativo, se atendeu às expectativas ou não. Quem decide isso não é seu time. São as pessoas. Mas a gente teve uma aprovação significativa. Foi o quanto mais votado, com uma diferença muito pequena para o primeiro. Depois, esse trabalho foi coroado com os deputados nos escolhendo para comandar a Câmara, por duas vezes.

O senhor conseguiu um grande feito quando a CLDF aprovou a emenda à Lei Orgânica que

ED ALVES/CF/D.A. Press



permite a reeleição da Mesa Diretora dentro de uma mesma legislatura. Como foi essa articulação?

Nós tivemos 18 votos a favor da emenda da reeleição. Já era um indicativo da aprovação do nosso mandato à frente da Câmara, quando tivemos 21 votos. Aquilo com que me comprometi, aquilo a que me propus a fazer aqui dentro eu entreguei, equilibrando as diversas vertentes de pensamento. O desafio é muito grande. São 24 cabeças diferentes, com formações, pensamentos e ideias, ideologias diferentes. E de locais diferentes. Mesmo assim, a gente tem que convergir em pelo menos mais de 50%, para que as aprovações e votações possam acontecer. Então, a gente deu celeridade nas votações, não tem projeto engavetado, tudo foi discutido, nós demos voz para todos os deputados, seja de oposição seja de situação. Todo mundo teve uma aprovação quase que recorde de projetos. Todos os projetos que o governo enviou foram alterados, discutidos.

O senhor é apontado como um hábil articulador. De onde vem essa característica?

Eu sempre tive uma facilidade de relacionamento com as pessoas, seja na iniciativa privada, seja na vida pública. E a seriedade. Sempre tive facilidade de conversar com as pessoas, respeitar o pensamento divergente, tentar compreender. Acho que isso me ajudou: do PSol ou PT ao PL, a gente tem o respeito.

E a gestão da Câmara?

Conseguimos melhorar a gestão, economizar recursos, aprimorar a Câmara Legislativa para o século 21, conseguimos criar a nossa TV, que foi nosso compromisso. A gente implementou um sistema todo digital, alterou o site, colocou a Câmara mais sustentável com as placas solares. Internamente a gente também fez o nosso dever de casa. Tudo aquilo que a gente se comprometeu no primeiro biênio a gente cumpriu. Aí, a reeleição foi uma coroação do trabalho que a gente desempenhou.

O senhor é apontado como um hábil articulador. De onde vem essa característica?

Eu sempre tive uma facilidade de relacionamento com as pessoas, seja na iniciativa privada, seja na vida pública. E a seriedade. Sempre tive facilidade de conversar com as pessoas, respeitar o pensamento divergente, tentar compreender. Acho que isso me ajudou: do PSol ou PT ao PL, a gente tem o respeito.

O senhor é presidente do MDB-DF e declarou apoio à pré-candidatura da senadora Simone Tebet à Presidência. Como vai ser a campanha no DF com um governador do MDB que tem uma base bolsonarista?

Claro que a gente vai seguir aqui a orientação da executiva nacional do partido, que é de manifestar apoio, enquanto mantida a pré-candidatura da senadora Simone Tebet. Foi uma opção do partido, discutida com os diretórios estaduais de sair dessa polarização e a gente poder ter um projeto diferente para o Brasil. Agora, sem dúvida nenhuma, os principais partidos que compõem a base do presidente Bolsonaro, Republicanos, PP e o PL, estão na base do governador e compõem o governo. Isso já virou sendo construído com esses partidos nos últimos meses. Então, a executiva do partido vai obedecer a orientação nacional, mas sem dúvida nenhuma o presidente Bolsonaro terá palanque na chapa do governador Ibaneis, visto que os partidos que compõem a

base aliada compõem a base aliada de Bolsonaro.

Então o governador Ibaneis vai se dividir, seguindo a agenda de Tebet e de Bolsonaro?

Isso aí a gente vai ter que ver como fazer mais para a frente, em especial o governador que disputa um cargo majoritário, que estará ao lado — pelo que se desenhava — da pré-candidata ao Senado Flávia Arruda, que foi ministra do presidente Bolsonaro. Então, sem dúvida, ele vai ter que se dividir nos dois palanques.

E isso não causará um constrangimento se a senadora Simone Tebet crescer?

Na política, tudo pode acontecer, inclusive nada. Então, pode continuar o cenário da forma que está ou tudo pode mudar, localmente ou nacionalmente.

Acha que a candidatura da Simone Tebet já está consolidada? E se não se abandonada na campanha?

É difícil fazer essa previsão



Minha ideia não é pular uma fase. O caminho natural, depois de assumir a Câmara Legislativa, depois de assumir a presidência, é tentar um mandato de deputado federal para poder contribuir com a cidade de forma diferente no Congresso"

Como presidente do MDB-DF, considera que está fechada a aliança entre Ibaneis e Flávia?

Bom, pelo menos até o momento, a palavra que um deu para o outro e o compromisso que foi feito lá atrás é de que a Flávia será a candidata ao Senado na chapa de Ibaneis. Isso está bem alinhado e a gente espera que ninguém mude de ideia nos 45 minutos do segundo tempo. Da parte do MDB, não haverá nenhum movimento contrário a isso.

E a pré-candidatura de Damarens? O senhor conhece a base evangélica. Acha que ela vai faturar esses votos e pode prejudicar a candidatura da Flávia Arruda?

Sem dúvida. Agora temos alguns problemas porque a chapa só pode lançar um candidato ao Senado. Então, não sei como vai ficar isso. O Republicanos vai ter que se decidir. Não há espaço para o governador apoiar dois senadores. Agora, mais do que tudo, essa é uma questão interna e um problema que precisa ser resolvido no Palácio do Planalto, com as duas ministras do presidente Bolsonaro. Ele precisa escolher uma das duas para lançar. Porque se lançar as duas, mesmo com candidatura avulsa, a candidatura de uma atrapalha diretamente o projeto da outra. A Damarens, pelo trabalho que ela fez, pelo conhecimento que ela tem de Brasília, sem dúvida alguma tem um apoio considerável, iniciando pela base evangélica. E ela está trabalhando muito. Acho que tomou gosto. Imagine que ela entrou para ver o que queria e acabou conseguindo muito apoio. Elas precisam decidir porque, se a base racha, é capaz de vir uma terceira via e levar a vaga do Senado. O governador já decidiu: a pré-candidata dele ao Senado é a deputada Flávia Arruda.

» Leia mais na página 14

ED ALVES/CF/D.A. Press



Sem dúvida nenhuma o presidente Bolsonaro terá palanque na chapa do governador Ibaneis, visto que os partidos que compõem a sua base aliada, também compõem a base aliada de Bolsonaro"

“Ibaneis pode quebrar jejum da reeleição”

Presidente da CLDF faz avaliação da atuação à frente da casa desde 2019, e destaca os rumos de sua caminhada política

Foto: Ed Alves/CEB/A.Press

O senhor foi presidente num momento de crise mundial. Tudo fechado, pessoas morrendo, medo e muitas dúvidas. Como foi enfrentar a pandemia?

Do lado da mesa da presidência, tenho uma Bíblia, que em todos os momentos recorro à palavra. Mas ninguém foi eleito para passar por uma pandemia. Nós tínhamos um planejamento, aquilo que a gente pretendia fazer nos quatro anos, mas passamos metade do mandato cuidando de uma pandemia. E até hoje a gente não sabe se tem outra onda vindo. Nós acertamos, nós erramos, mas nós fomos muito propositivos. Nosso índice de aprovação de projetos no plenário aumentou muito. Mas não foi por conta da votação virtual. Foi porque o momento nos obrigava a alterar diversas legislações que, numa situação normal, jamais precisaríamos alterar, como imposto para máscara, para álcool em gel. Não precisaríamos diminuir impostos para diversas atividades para que determinados setores não morressem. Em vez de a gente trabalhar para criar novos CNPJs e gerar novos empregos, a gente se viu numa batalha para manter os CNPJs ativos, para manter os empregos. Então, foi bem complicado. Mas boa parte das atitudes que tomamos aqui foram referência para o restante do Brasil. A Câmara Legislativa foi a primeira do país a entrar com medidas restritivas, criamos auxílios, como o Prato Cheio, o Vale-Gás, o Cartão-Creche, ampliamos o Cartão Material Escolar. Trabalhamos duro para manter os terceirizados do governo. As creches estavam fechadas, mas ninguém que trabalha em creche conveniada deixou de receber o salário em dia. As merendeiras, os vigilantes, o pessoal da limpeza da mesma forma.

E o que deixou de ser feito na Câmara nesse período de pandemia, quando a população estava preocupada em sobreviver? O que estava no planejamento e ruiu?

Por exemplo, nos programas de qualificação profissional e nos programas que o governo vinha desenhando de incentivo fiscal para a gente trazer novos investimentos e novas empresas para o DF para aumentar a geração de empregos. Isso é o principal, que ficou parado. Nós tivemos uma desaceleração da economia no primeiro momento que ceifou milhares de empregos no DF. Claro que teve o impacto da saúde. Infelizmente, nós perdemos muitas vidas, mas também a tragédia econômica foi imensa. E tem muitos casos que a gente não sabe se fez certo ou se fez errado. Por exemplo, de fechar escolas, de fechar o comércio.



A palavra que um deu para o outro e o compromisso que foi feito lá atrás é de que a Flávia será a candidata ao Senado na chapa de Ibaneis”

Esse tema acabou sendo muito politizado e virou um embate entre os que defendiam o lockdown e os favoráveis à abertura...

Aqui na Câmara a gente tentou ao máximo despolitizar esse debate. Em São Paulo, foram fazer política em cima de vacina, em cima de fecho, abre, fica em casa... Isso não deu certo, tanto é que a aprovação de quem era pretense candidato a presidente da República não deu certo.

O senhor falou da exploração política de medidas e Dória não conseguiu ser candidato à presidência. Acredita que ele não cresceu nas pesquisas porque as pessoas não querem que a pandemia seja usada como marketing político?

Pode ser isso. Também tem o excesso de imagem, o excesso de politização em cima de um tema que é tão complexo, como a saúde pública. Tudo que se fazia ia para a frente de

uma televisão, chamava uma coletiva de imprensa, para falar o que pretendia fazer e criticar o que o outro estava fazendo. Nas dificuldades, é o momento de união: unir a Câmara, unir o Poder Judiciário, unir o Poder Executivo, para discutir as matérias.

Seu nome foi cogitado para compor a chapa majoritária. Por que não foi para frente?

Tinha muita gente que tinha interesse de me ver fora de disputas de diversos cargos. Falaram que eu vinha à reeleição. Outros disseram que eu ia para o Senado ou disputar com o Ibaneis. Também que íamos formar uma chapa puro-sangue. Nunca foi meu objetivo. Acho que, na política, existe um rito e a gente precisa saber quais são os espaços oportunos num determinado momento. Minha ideia não é pular uma fase. Acho que o caminho natural, depois de assumir a Câmara Legislativa, depois de assumir a presidência, é tentar um mandato de deputado federal para poder contribuir com a cidade de forma diferente no Congresso. E depois lá na frente a gente discute outro projeto. Não me passou pela cabeça nada diferente, até porque a gente tem uma responsabilidade muito grande com a reeleição do governador Ibaneis. Uma chapa puro-sangue pode gerar um desconforto aos demais partidos que compõem

a base e têm demonstrado interesse na vice-governadoria. Para o Senado, atrapalharia também porque são apenas três vagas na majoritária. Seria difícil defender duas vagas para o MDB.

Como vai ser essa negociação para vice do Ibaneis?

Nos bastidores, a conversa é grande. Agora eu vejo um carinho, um respeito muito grande do governador com o vice-governador atual, o Paco. Vejo em ações, no dia a dia. Há uma grande sintonia entre os dois. A escolha do vice é muito pessoal. Aqui, por exemplo, nas minhas duas eleições, escolhi o meu vice, que é o deputado Delmasso. Ele me ajuda muito no comando da Câmara. Não só ele como os demais membros da Mesa Diretora. Ele vai escolher quem compõe melhor, tem um discurso mais alinhado e que seja um vice-governador que seja parceiro.

Acredita que, se a Justiça Liberar, Arruda será candidata ao Governo?

É difícil a gente trabalhar com suposição. Agora, creio que, pelo trabalho feito por ele no passado e pelas movimentações políticas feitas por ele agora, sem dúvida alguma — se a justiça liberar — Arruda será candidato, na minha visão. A base do Ibaneis é muito parecida com a do Arruda. Então, certamente, ela vai rachar, caso aconteça uma candidatura dos dois.

No DF, há uma tradição de governadores não se reelegerem. Acredita que vai acontecer com Ibaneis?

Se for para fazer uma avaliação mais precisa, só não foram reeleitos os governos de esquerda. O Arruda certamente seria reeleito, só que aconteceram todos aqueles problemas e o governo dele não continuou. Mas considero que o governo Ibaneis pode quebrar esse “jejum” de reeleição no DF. Pelo menos o que as pesquisas indicam é que ele é o favorito disparado. Inclusive, com grandes chances de vencer no primeiro turno, caso siga com a configuração atual.

O que o senhor pretende fazer na Câmara dos Deputados?

Quero buscar mais recursos para investir no DF. Acho que ainda podemos melhorar muito nesse quesito. Tive uma experiência muito grande aqui na Câmara Legislativa. Fui membro da comissão de orçamento e aprendi bastante sobre o tema. Hoje, tenho uma compreensão grande daquilo que pode ser feito. Ou poder contribuir, no Congresso Nacional, para viabilizar boa parte dos recursos para a nossa cidade.

A Câmara aprovou um Refis que reduziu o valor principal da dívida. É justo com os adimplentes?

Sempre defendi que o Refis

deve acontecer em momentos muito esporádicos, como aconteceu no Refis nacional. Enquanto estou aqui, já foram votados seis Refis — um por ano no governo Rollemberg. Sinceramente, não acredito nesses Refis. Porque, na verdade, isso é um incentivo para que os empresários não paguem o imposto da forma correta e aguardem para fazê-lo com o desconto e ainda parcelar em várias vezes. Então, é um incentivo à sonegação. Sobre o último Refis feito, vale ressaltar que era um período de pandemia, era outra motivação. Na época, diversas empresas estavam fechando, endividadas por conta da crise. Talvez, sem o período de pandemia, não teríamos feito isso. No entanto, nunca foi feito no DF o condicionamento para que os empresários conseguissem pagar as dívidas antigas. Isso teve um sucesso muito grande. Tivemos a renegociação de mais de R\$ 3 bilhões, além de colocar R\$ 1 bilhão no caixa do GDF, de forma imediata.

Foi correta a privatização da CEB?

Foi a venda de uma companhia que dava prejuízo e que, além de deixar de dar prejuízo, foi negociada por R\$ 2,5 bilhões. Foi um valor substancial, que será 100% investido na cidade. Claro que toda mudança tem, de imediato, impactos negativos. Mas tenho visto um esforço muito grande da Neoen, que já regularizou mais de 100 mil moradias no DF, por meio do projeto Energia Legal. Talvez, com uma empresa pública, a gente não teria avançado tanto. Claro que alguns ajustes precisam ser feitos, mas, de forma geral, vejo essa troca de forma positiva.

Quais são seus planos para o futuro?

Sempre me propus a me dedicar e fazer entregas. Sigo ainda e esse desejo de fazer boas entregas e contribuir com o crescimento e o desenvolvimento do DF. Não tenho apego a cargo. Não é minha profissão. Estou aqui emprestando de forma temporária da iniciativa privada, para trabalhar pela população. Acho que as coisas vão acontecendo naturalmente. Eu fiz um bom trabalho bastante sobre o tema. Hoje, tenho uma compreensão grande daquilo que pode ser feito. Ou poder contribuir, no Congresso Nacional, para viabilizar boa parte dos recursos para a nossa cidade.

A Câmara aprovou um Refis que reduziu o valor principal da dívida. É justo com os adimplentes?

Sempre defendi que o Refis



“Não há espaço para um governador apoiar dois senadores. Agora, mais do que tudo, essa é uma questão interna e um problema que precisa ser resolvido no Palácio do Planalto, com as duas ministras do presidente Bolsonaro”



“Pelo trabalho feito por ele no passado e pelas movimentações políticas feitas por ele agora, sem dúvida alguma — se a justiça liberar — Arruda será candidato, na minha visão”



“O governo Ibaneis pode quebrar esse ‘jejum’ de reeleição no DF. Pelo menos o que as pesquisas indicam é que ele é o favorito disparado. Inclusive, com grandes chances de vencer no primeiro turno, caso siga com a configuração atual”

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Cidades **Página:** 13 e 14